



CRIAÇOM

José Manuel Nunes Vilar é um jovem leitor do NOVAS DA GALIZA nado no Páramo, terra de poetas. Em 2009 publicou a escolma de relatos *Um País Oculto pelas Silveiras* na editora brasileira Manas. Desta volta achega uns versos de seu a este espaço de criação.

O PA(PA)SQUM

Tempo atrás, entre Julho de 2007 e Julho de 2008, o Novas trazia um suplemento de humor que se chamava O Pasquim. Um "pasquim" é umha "sátira, afixada em lugar público, contra a autoridade ou governo". No Verão de 1989, a revista Can sen dono (predecessora d'O Pasquim) dedicou à segunda visita a Compostela de Joám Paulo II (predecessor de Joseph Ratzinger) um memorável número especial. Querendo emular aquele fito, ressuscita O Pasquim (cujo sétimo número já estivera dedicado à Igreja Católica, Apostólica e Romana, ICAR). Assim, este Pasquim, ou Papasquim especial, de umha só página, centra-se na visita de Bento XVI.

MONOS E ESTÉREOS

Valentim R. Fagim centra o último 'Língua Nacional' no comportamento catalanófono recentemente exprimido por um conhecido jogador de futebol. O sociolinguísta analisa a questom, e dá com umha divisom de atitudes entre 'monos' e 'estéreos'.

QUE FOI DE...?

Colectivo Rompente

Alonso Vidal

A cabada a ditadura franquista, a poesia na Galiza ainda era eminentemente social. Muitos especialistas situam o fim dessa época na publicação da obra de Ferrin "Com pólvora e magnólias". Nessa altura de fecundação e gravidez de movidas urbanas viguesas ou madrilenhas, três moços muito novos experimentaram sobre a "intervenção poética" na rua e na escola. Cansos da "Galiza literária com o seu monótono fungar e a sua voz de choromicas", em palavras suas, idearam projectos rupturistas com o academicismo imperante, fugindo da ortodoxia mais rançosa do final do franquismo. Antón Reixa, Manuel R. Romón e Alberto Avendaño, estudantes universitários vigueses, junto com amigos e colaboradores artistas, começaram a conspirar para resistência. A ideia básica era questionar o próprio texto clássico da poesia. Nasceram assim, na

Galiza de panfletos políticos multicopiados em "vietnamitas", os espectáculos poéticos audiovisuais do grupo de *Resistência poética Rompente*. A poesia era concebida como um todo multifunção. Música, literatura, arte visual e cénica. Segundo o polifacético Reixa, "os recitais-espectáculos de Rompente percorreram entre 1976 e 1983 o país rachando convenções. Disfarces, dramatizações, improvisações... tudo se incorporava ao discurso poético num momento em que a cultura bulia". Baixo um claro sentido provocador, o grupo partiu da edição em multicópia da sua obra poética para repartir nas manifestações políticas para chegar a criar um selo próprio editorial, *Rompente*, onde, para além de obras individuais dos seus membros, acolheu a sua produção colectiva e mesmo a de um Ferrin de pólvoras e magnólias, próximo do grupo. O próprio Avendaño lembra a utili-

zação do suporte do pasquim, nas suas Folhas de resistência: "Tirávamos quinhentos panfletos com um par de textos de um conteúdos nom necessariamente político, mas acompanhado de consignas sociais e políticas impressas posteriormente em cada folha, manualmente, a jeito de carimbo, para reparti-las nas manifestações. (...) os manifestantes pareciam nom compreender que pintavam os poemas naquela "movida"".

Os recitais poéticos realizavam-se nas casas de cultura, ligados ao nacionalismo e em escolas de educação secundária ou festivais de música. Os meios começaram a fazer-se eco dessa forma vanguardista de produção artística e acharam eco na imprensa galega, nas revistas de letras e programas literários. A rádio também foi um meio útil para os seus fins.

Na emissora popular viguesa mantiveram durante pouco tempo o programa

"Rompente Radio Esquimal"; usavam-no tanto para recitar a sua poesia, como para recriações de assaltos revolucionários ("este é o comunicado do comando armado que hoje controla

O grupo iria desfazer-se em 1983 mas ficaria na memória colectiva e seria inspiração para posteriores colectivos nada tradicionais na forma de conceber a comunicação poética de forma popular, como Ronseltz ou o Batalhom literário da Costa da Morte. Os componentes continuam no mundo artístico ou literário. Reixa tocou todos os campos criativos, Romom trabalha na televisom.

esta emissora") ou conselhos sobre remédios naturais para eliminar a flatulência, misturados com música de Lou Reed ou Leonard Cohen, ou com o consultório sentimental de "Madame Janis Joplin".

O grupo iria desfazer-se em 1983 mas ficaria na memória colectiva e seria inspiração para posteriores colectivos nada tradicionais na forma de conceber a comunicação poética de forma popular, como Ronseltz ou o Batalhom literário da Costa da Morte.

Os seus componentes continuam no mundo artístico ou literário. Reixa, tocou todos os campos criativos, desde a poesia à música, passando por produção cinematográfica, televisom, jornalismo... Avendaño dedica-se hoje ao ensino universitário nos EUA e Manolo Romom trabalha fundamentalmente na Televisom, dirigindo e apresentando o espaço sobre literatura "Livro aberto" ou fazendo de abade rural numha série de televisom.

Nada parecido ao vivido naquela altura. Agitação e poesia. Fica a saudade do que foi num tempo o *Colectivo de Comunicação Poética Rompente*.



MICROCYSTIS

Alícia Pinheiro

A água do Umia segue a luz dum verde intenso. Desde que a finais de julho saltara a alerta sobre um novo episódio de microcystis no encoro da Baxe, em Caldas de Reis, a situação não melhorou.

Depois dos cortes de suministro padecidos polos vizinhos do município a água voltou a manar das bilhas, mas o rio segue plagado de cianobacterias que constituem um perigo para a saúde pública e para a fauna e flora que se supom segue a habitar no lugar. As evidencias do mal estado das aguas saltam à vista e, pese às mensagens de tranquilidade emitidas polos políticos, desde o ambientalismo jurdiram já numerosas vozes reclamando a demolição do encoro.

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No Novas da Galiza pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

José Manuel Nunes Vilar é um leitor do NOVAS DA GALIZA que quixo achegar um texto de seu A este espaço de criação. Em 2009 publicou a escolma de relatos *Um País Oculto pelas Silveiras* na editora brasileira Manas.



Oceano Celeste Oceano Celeste Oceano Celeste



1

Belas sem mastro do céu
remolques do ar, do vento
que viajam sem descanso
e transitam pelo mundo inteiro
vogando com lentitude
com cadeias quebradas d'Efesto

Céu é como outro oceano,
pero este muito mais extenso
sem começo nem fim,
sem costas, sem litoral,
no que as naves atracar
mas sim horizonte,
lábios húmidos e salgados de mar

E suas filhas,
miúdas gaivotas,
filhas dum amor espúrio
santas do ar,
doces espertares de manhã

Que jogam ledas no reino do seu pai,
tecem redes de marinheiros
com fios de lediça,
com fios de paz.

2

Naves pequenas,
madeiras mar adentro
esquifes de lenha
paladins do silêncio

Mexidos por ondas em calma
viajam mui ao longe
à deriva e sem temoeiro
sem destino

E compadecem-se delas
os óculos pulantes da noite
que são ânimas de velhos náufragos,
faíscas dum lume eterno.

3

*Cachimbas veteranas,
lobos de mar
que olharam quase de tudo
trouxeram à costa titânico calamar*

*Oito tentáculos carnosos
enorme e pronunciada cachola
binóculo bicho
espantosa captura de mar
E, todas as portas abriram ao peirão
e todas as janelas*

*toda a apinhada vila
de par em par.*

4

O manto gris do céu
é esgaçado por raios de cólera e lume
que deixam cair sequestrada chuva
clamando com força na lousa dos telhados

Chuva d'auga, auguinha
benção de primavera
tenros beijos de vida
água de Compostela

Que hidratam o horto cáldo
amimado pelos raios da tarde
que se perde calhando nas ondas do mar
que se perde no lombo curvo do agro

Chuva d'auga, auguinha
que escorra por cumes de vermelha telha
baptizando a crista dos acantilados
engendrando cativos torrentes
que se perdem nos oceanos.



O PASQUIM



NÚMERO 12+1 ESPECIAL VISITA PAPAL OUTUBRO-NOVEMBRO 2010

O PAPANASQUIM

Suso Sanmartin, coordenador

Como recordaredes, houvo um ano (de Julho de 2007 a Julho de 2008; doze meses, doze números) que o Novas trazia um suplemento de humor que se chamava **O Pasquim**. O nome d'**O Pasquim** (que já no seu primeiro número se reivindicava "herdeiro da viçosa tradición galega dos *Can sen dono*, *Xo!*, *Arre*, *O Farelo...*") era um ~~hom~~ uma homenagem a um mítico semanário satírico que durante mais de dúas décadas (de Junho de 1969 a Novembro de 1991) houvo no Brasil.

d'**O Pasquim**) dedicou à segunda visita a Compostela de João Paulo II (predecessor de Joseph Ratzinger) um memorável número especial.

Querendo emular aquele fito preguntamos ao diretor do **NOVAS DA GALIZA** se, com motivo da primeira visita a Compostela do Papa Bento XVI, podía resuscitar **O Pasquim** (cujo sétimo número, já agora, estivera monograficamente dedicado à ICAR). O Carlos Barros respondeu-nos que ele nom podía fazer milagres mas que, se que-



Paquino (Foto: Franjo Padim) e Can sen dono (Verao 1989)

Um "pasquim" é umha "sátira, afixada em lugar público, contra a autoridade ou governo" segundo o e-Estraviz. Pasquim vem de Pasquino, nome dumha estátua que há em Roma e que se converteu no "suporte ideal para os poemas satíricos escritos por pessoas críticas com o Santo Padre e o seu governo" desde o momento mesmo da sua erecção (1501).

No Verao de 1989, a revista *Can sen dono* (predecessora

ríamos, podíamos contar com umha página inteira n'A REVISTA (sucessora no **NOVAS d'O Pasquim**). *Deu-la paghe!*

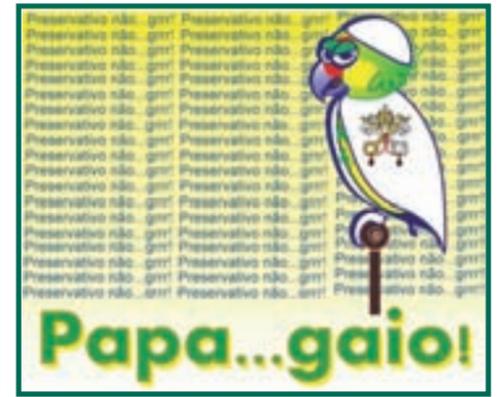
Deus Iho pague também a Gerardo Uz (diagramador), Pepe Carreiro, Pestinho+1 e Gonzalo Vilas pola sua desinteressada colaboraçom. Sem eles nom teria sido possível esta edição especial (visita papal) d'**O Pasquim**. Ou, como di o nosso coordenador adjunto, Xico Paradelo, **O Papanasquim**.



SUSO SANMARTIN



PEPE CARREIRO



PESTINHO+1



GONZALO



LÍNGUA NACIONAL

Monos e estéreos

Valentim R. Fagim

Existe um grande campo de incomunicação no Reino de Espanha no relativo às línguas. Para já, a maioria dos cidadãos e das cidadãs som ferozmente monolíngues. Em demasiadas ocasiões, este monolinguismo feroz nom se é visualizado como umha carência mas como umha virtude. O “que inventem ellos” de Unanimo transforma-se em “que hablen ellos”. Dá-se, até, umha firme identificação do falante com a sua língua; quantos mais milhões de falantes, mais se estiram as costas o que, em termos de saúde corporal, reconhecamos que é ótimo.

Mas, infelizmente, a espanholidade nom se fica por aqui. Afinal, cada um é bem livre de ser mono

ou estéreo. O problema é quando os monos ficam aflitos pola existência dos estéreos. A história mais recente do Reino está cheia de monoviolência a nascer de umha incapacidade, a de aceitar que existam cidadãos e cidadãs estéreos de nascimento.

Conferência de imprensa da seleçom espanhola de futebol. Um jornalista da TV3 pergunta em catalám ao barcelonês Gerard Piqué. Este responde na língua de ambos, em catalám, e a seguir o desportista oferece-se para traduzir para castelhano. Nesse momento Sergio Ramos, andaluz, interrompe para exclamar: «em andaluz, diz-lho em andaluz», indignado porque o jornalista podia ter dificuldades para «entender o castelhano». Mas

entender, entende, porque afinal o jornalista é estéreo, quem nom PODE entender é o próprio desportista... só tem um canal.



CINEMA PARA PENSAR

The Corporation

Francesco Traficante

Este filme documentário canadiano, já do ano 2003, e dirigido por Mark Achbar e Jennifer Abbott, mantém absoluta vigência. O que eles chamam corporaçoms para nós som as multinacionais, conglomerados empresariais com a força suficiente como para impor-se aos próprios estados. Mas também nos fala da sua evoluçom histórica e de como as legislaçoms fõrom favorecendo-as para que actuassem como pessoas, jurídicas, mas com os mesmos direitos a nível económico que as pessoas físicas, pois podem comprar, vender, pedir créditos, demandar ou ser demandada. O documentário analisa os seus comportamentos, e acaba fazendo umha diagnose psicológica deste tipo de pessoas jurídicas, as corporaçoms, como se de pessoas físicas (isto é, qualquer cidadá ou cidadão) se tratasse. Conclusom: som psicopatas, pois mentem, causam dano consciente às pessoas, destroem a natureza e nom

sentem culpabilidade, pois o seu único objectivo é o benefício. E é esse tipo de psicopatas os que estão a controlar hoje em dia a economia mundial e a todos nós. Por riba do poder político, que se inibe e nom pom limites a este tipo de organizaçoms. Mas como diz Noam Chomsky, o problema nom é de pessoas, mas das estruturas. Mesmo no sistema da escravatura umha pessoa podia ser um bom amo ou ama que tratasse bem os seus escravos e escravas mas num sistema monstruoso. E ainda sendo viável economicamente, acabou-se com ele por ser moralmente inaceitável. Desta base têm que partir as mudanças do actual sistema capitalista. Um sistema de mercado, sim, mas onde as empresas multinacionais estejam controladas, limitadas e castigadas quando incorram em delitos, sem que contem como até agora com a convivência dos poderes legislativo, executivo e judicial para saírem impunes dos seus actos. Obrigar estas empresas a terem umha economia sustentável, que respeite os



direitos humanos, pois se têm direitos, ainda mais os devem ter as pessoas físicas. Que se dê conta em todo momento à cidadania dos seus actos através do controle por parte dos poderes

realmente escolhidos. Mas para isso deve haver pressom desde a cidadania, e o problema é que esta cidadania tenha os incentivos suficientes para mobilizar-se ou empreender iniciativas sérias

que conduzam às mudanças, algo difícil nas nossas sociedades opulentas. Por isso, várias das pessoas do documentário proponhem começar polos casos mais flagrantes, normalmente nos estados subdesenvolvidos, onde há exploraçom infantil, derrames incontrolados selvagens, apoio das multinacionais a ferozes ditaduras onde os direitos humanos som massivamente vulnerados, etc.

Quando umha empresa é descoberta cometendo este tipo de delitos, haveria que exigir ao poder judicial que suspenda os estatutos e as actividades destas empresas delinquentes, igual que se fai com as pessoas físicas quando cometem delitos. Poderia chegar a mudar-se esta situaçom, igual que se mudou o sistema da escravatura. Os matizes e a informaçom dada no filme é muito mais ampla que os breves apontamentos deste artigo. Um filme fulcral para entendermos o status quo em que vivemos, longe do panfleto ou ideologismos para pura satisfaçom pessoal.